

História da Educação

SUJEITOS NA/DA HISTÓRIA

MÔNICA YUMI JINZENJI
RITA CRISTINA LIMA LAGES
orgs.

V
O
L
O
I



BRAZIL PUBLISHING



BRAZIL PUBLISHING

Conselho Editorial Internacional

Presidente: Prof. Dr. Rodrigo Horochovski	(UFPR – Brasil)
Prof ^a . Dra. Anita Leocadia Prestes	(ILCP – Brasil)
Prof ^a . Dra. Claudia Maria Elisa Romero Vivas	(UN – Colômbia)
Prof ^a . Dra. Fabiana Queiroz	(Ufla – Brasil)
Prof ^a . Dra. Hsin-Ying Li	(NTU – China)
Prof. Dr. Ingo Wolfgang Sarlet	(PUC/RS – Brasil)
Prof. Dr. José Antonio González Lavaut	(UH – Cuba)
Prof. Dr. José Eduardo Souza de Miranda	(UniMB – Brasil)
Prof ^a . Dra. Marília Murata	(UFPR – Brasil)
Prof. Dr. Milton Luiz Horn Vieira	(Ufsc – Brasil)
Prof. Dr. Ruben Sílvio Varela Santos Martins	(UÉ – Portugal)



Comitê Científico da área Ciências Humanas

Presidente: Prof. Dr. Fabrício R. L. Tomio	(UFPR – Sociologia)
Prof. Dr. Nilo Ribeiro Júnior	(Faje – Filosofia)
Prof. Dr. Renee Volpato Viaro	(PUC/PR – Psicologia)
Prof. Dr. Daniel Delgado Queissada	(Ages – Serviço Social)
Prof. Dr. Jorge Luiz Bezerra Nóvoa	(Ufba – Sociologia)
Prof ^a . Dra. Marlene Tamanini	(UFPR – Sociologia)
Prof ^a . Dra. Luciana Ferreira	(UFPR – Geografia)
Prof ^a . Dra. Mar Lucy Alves Paraíso	(UFMG – Educação)
Prof. Dr. Cezar Honorato	(UFF – História)
Prof. Dr. Clóvis Ecco	(PUC/GO – Ciências da Religião)
Prof. Dr. Fauston Negreiros	(UFPI – Psicologia)
Prof. Dr. Luiz Antônio Bogo Chies	(UCPel – Sociologia)
Prof. Dr. Mario Jorge da Motta Bastos	(UFF – História)
Prof. Dr. Israel Kujawa	(Imed – Psicologia)
Prof. Dr. Luiz Fernando Saraiva	(UFF – História)
Prof ^a . Dra. Maristela Walker	(UTFPR – Educação)
Prof ^a . Dra. Maria Paula Prates Machado	(Ufcspa – Antropologia Social)
Prof. Dr. Francisco José Figueiredo Coelho	(UFRJ – Ensino de Biociências e Saúde)
Prof ^a . Dra. Maria de Lourdes Silva	(UERJ – História)
Prof ^a . Dra. Ivonete Barreto de Amorim	(Uneb – Educação, Formação de Professor e Família)
Prof. Dr. César Costa Vitorino	(Uneb – Educação/Linguística)
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação	(Uneb – Educação, Religião, Matemática e Tecnologia)
Prof. Dr. Everton Nery Carneiro	(Uneb – Filosofia, Teologia e Educação)
Prof ^a . Dra. Elisângela Maura Catarino	(Unifimes – Educação/Religião)
Prof ^a . Dra. Sandra Célia Coelho G. da Silva	(Uneb – Sociologia, Gênero, Religião, Saúde, Família e Internacionalização)

Mônica Yumi Jinzenji
Rita Cristina Lima Lages
(Organizadoras)

História da Educação: sujeitos na/da história

Volume 1



BRAZIL PUBLISHING



© **Brazil Publishing Autores e Editores Associados**
Rua Padre Germano Mayer, 407
Cristo Rei - Curitiba, PR - 80050-270
+55 (41) 3022-6005



Associação Brasileira de Editores Científicos
Rua Azaleia, 399 - Edifício 3 Office, 7º Andar, Sala 75
Botucatu, SP - 18603-550
+55 (14) 3815-5095



Associação Brasileira de Normas Técnicas
Av. Treze de Maio, 13, 28ª andar
Centro - RJ - 20031-901
+55 (21) 3974.2324



Câmara Brasileira do Livro
Rua Cristiano Viana, 91
Pinheiros - SP - 05411-000
+ 55 (11) 3069-1300

Comitê Editorial

Editora-Chefe: Sandra Heck
Editor-Superintendente: Valdemir Paiva
Editora Científica: Kelly Miranda
Editor-Coordenador: Everson Ciriaco
Diagramação e Projeto Gráfico: Rafael Chiarelli
Arte da Capa: Paula Zettel
Revisão Editorial: Thais Valentim
Revisão de Texto: Glória Barão

DOI: 10.31012/978-65-5861-428-9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

H673 História da educação: sujeitos na/da história [recurso eletrônico]
/ organização de Mônica Yumi Jinzenji, Rita Cristina Lima Lages
– 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

ISBN 978-65-5861-428-9

1. Educação – História. I. Jinzenji, Mônica Yumi (org.).
II. Lages, Rita Cristina Lima (org.).

CDD 370.9 (22.ed)
CDU 37.01



[1ª edição – Ano 2021]
www.aeditora.com.br

SUMÁRIO

PARTE I

As mulheres na história	14
--	-----------

CAPÍTULO 1

A educação feminina em Vila Rica e seu termo (1750-1800): instruindo órfãs e expostas	15
<i>Neliana Karolina Belico Marques Scarano</i>	

CAPÍTULO 2

Entre o desejo e a prática – as mulheres e a educação no Termo de Vila Rica (MG) (1770-1822)	36
<i>Kelly Lislíe Julio</i>	

CAPÍTULO 3

“E por ser esta a minha última vontade que tenho dito e disposto...”. Legados educativos das famílias de elite nas Minas Setecentistas.	57
<i>Talítha Maria Brandão Gorgulho</i>	

CAPÍTULO 4

Educação, debates públicos e resistência: exigências de padrões morais a mulheres e professoras durante a Primeira República	81
<i>Talita Barcelos Silva Lacerda</i>	

CAPÍTULO 5

Formação e atuação de uma educadora mineira entre o final do século XIX e início do século XX	102
<i>Paula Cristina David Guimarães</i>	

CAPÍTULO 6

Meninas nas escolas e outras formas de educação feminina em Belo Horizonte entre as décadas de 1940-1960 122

Isabella Brandão Lara

Ana Maria de Oliveira Galvão

PARTE II

AUTORES, AUTORAS E IMPRESSOS 135

CAPÍTULO 7

Do Résumé de Ferdinand Denis aos Resumos de História do Brasil de Henrique Bellegarde . 136

João Pedro Menezes Jacinto

CAPÍTULO 8

A produção de um manual de ginástica: o “Compendio de Gymnastica Escolar” de Arthur Higgins (1896-1934) 152

Ana Claudia Avelar

Andrea Moreno

CAPÍTULO 9

Exercícios disciplinares, movimentos de corpo livre, saltos, corridas, exercícios nos aparelhos e jogos gymnásticos: a gymnastica forjada na Escola Normal do Rio de Janeiro . . . 175

Anna Luiza Ferreira Romão

Andrea Moreno

CAPÍTULO 10

“História da educação física e dos desportos no Brasil”, de Inezil Penna Marinho: uma obra de referência 196

Gyna de Ávila Fernandes

Andrea Moreno

CAPÍTULO 11

“Promotor e apóstolo incansável da ginástica”: os diferentes papéis de Ludvig Kumlien na divulgação da ginástica sueca (1895-1921) 214

Lara Marina dos Anjos Bonifácio

Andrea Moreno

Anderson da Cunha Baía

CAPÍTULO 12

A constituição de autobiógrafos idosos (Minas Gerais, séculos XX e XXI). 233

Larissa Maria de Resende Neiva

Mônica Yumi Jinzenji

CAPÍTULO 13

Jornais escolares: prática educativa na Era Vargas	253
<i>Eliezer Raimundo de Sousa Costa</i>	

PARTE III

SUJEITOS E PROCESSOS EDUCATIVOS	275
--	------------

CAPÍTULO 14

A educação dos órfãos no Termo de Mariana e a busca por distinção social nas Minas do Período Colonial	276
<i>Leandro Silva de Paula</i>	

CAPÍTULO 15

Alfabetização e letramento: uma contribuição para as pesquisas sobre cultura escrita no século XVIII	298
<i>Fabício Vinhas Manini Angelo</i>	

CAPÍTULO 16

A educação moral na perspectiva de educadores católicos e liberais das décadas de 1920 e 1930: análise do percurso de uma pesquisa	321
<i>João Victor Jesus Oliveira Nogueira</i>	

CAPÍTULO 17

Sa'e ba foho: a construção de um percurso investigativo para abordar o campo dos saberes tradicionais a partir de uma perspectiva histórica	336
<i>Keu Apoema</i>	

ÍNDICE REMISSIVO	360
SOBRE AS ORGANIZADORAS	364
SOBRE OS AUTORES	366

CAPÍTULO 8

A produção de um manual de ginástica: o “Compendio de Gymnastica Escolar” de Arthur Higgins (1896-1934)¹

Ana Claudia Avelar
Andrea Moreno

Introdução

Esse capítulo analisa o modo como a prática corporal pôde ser ensinada pela palavra impressa. O faz a partir do “Compendio de Gymnastica Escolar” de autoria de Arthur Higgins (1860-1934),² publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1896 e 1934, contendo modificações em cada uma de suas três edições.

1 Este capítulo é baseado na dissertação “Uma ginástica que também se lê: a produção do *Compendio de Gymnastica Escolar* de Arthur Higgins (1896-1934)”, defendida em 2018 sob a orientação da professora Andrea Moreno. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B5THMN>. Acesso em: 2 mar. 2021.

2 Para Arthur Higgins iremos dedicar uma parte mais à frente.

Tendo por objetivo investigar a produção desse impresso, percebendo as questões sociais, políticas e culturais, a pesquisa se fundamentou no arcabouço teórico metodológico da História dos Impressos e teve como foco as estratégias produtivas do "Compendio de Gymnastica Escolar" para compreender como um livro pôde transformar algo que é executado/praticado em algo que pôde ser escrito, lido, interpretado ou folheado. Ou, em outra via, como a prática corporal pôde ser ensinada por meio de um impresso.

Se tomarmos os livros como produtos de um emaranhado de fatores sociais, culturais, políticos, econômicos e educacionais, assim como sugerem as pesquisas e estudos que se baseiam na História dos Impressos, veremos, pois, que o texto impresso não será mais, "somente", o escrito pelo autor (CHARTIER, 1989; DARNTON, 1990). Ou seja, podemos perceber que outros sujeitos e questões estão envolvidos na produção de um impresso, formando uma rede de colaboração complexa, que vai transformar a imaginação do autor em algo que pode ser lido pelo leitor (CHARTIER, 1989; DARNTON, 1990; CHARTIER, 2002).

O "circuito de comunicações" proposto por Robert Darnton (1990), de forma esquemática, anuncia a participação de autores, editores, gráficos, fornecedores, distribuidores, livreiros, encadernadores e leitores, os quais, envoltos em aspectos da conjuntura econômica e social, das sanções públicas e legais e das influências intelectual e de publicidade, ajudam-nos a olhar para o "Compendio de Gymnastica Escolar" percebendo as questões que envolveram sua produção. Portanto, para este estudo não bastaria apenas verificar o conteúdo descrito em suas páginas, mas também os sujeitos e os fazeres que estavam envolvidos na construção desse manual.³

Na construção da narrativa do capítulo, fizemos a escolha de tratar de três categorias que participaram da construção do Compendio – autoria, editoria e leitores. A partir delas, foram analisadas as estratégias de

3 Entendo o "Compendio de Gymnastica Escolar" como um manual, já que ele possui características aproximadas a esse suporte, que são assumidas por Choppin (2004), como as intencionalidades ligadas ao ensino e a forma de apresentação do conteúdo, mais facilitada para o leitor.

produção, publicação e publicidade. Essa escolha se deu em função das fontes que foram localizadas, as quais, mais adiante, serão apresentadas.

Sobre a autoria, Chartier (2014) alerta para o fato de não tratarmos essa categoria de forma simplista, já que a “função autor”⁴ extrapola a ideia de propriedade de uma obra, perpassando por uma identificação do sujeito em sua obra, sendo condicionadas por censuras e limitações. As condicionantes de autoria delimitam o que será escrito e podem ser de diferentes tipos – desde legais até as que estão implícitas e relacionadas ao público leitor.

Assim como os autores, editores também estão sujeitos a limitações e censuras ao participarem da transformação do que foi escrito para o que será impresso. Editores se relacionam com autores de maneira quase simbiótica e, segundo Darnton (1990), são eles os responsáveis por materializar a ideia do autor e toda a sua atuação modificará a forma como os leitores receberam e leram esses livros, pois modificam os “protocolos de leitura”.⁵ A dimensão da editoria está presa às condições de impressão e estética do tempo em que foram produzidas.

Nessa narrativa, os leitores aparecem, de um modo particular, como aqueles que foram visados por autores e editores e que, portanto, participam implicitamente do processo de produção dessa obra. Indiretamente, leitores estão envolvidos nas escolhas gráficas, de materialidade e de conteúdo dos que produzem os livros (ECO, 1993; CHARTIER, 1998).

Para a construção desse capítulo, mobilizamos um corpus documental que compreende: as publicações do “Compendio de Gymnastica Escolar” (1899, 1909, 1934),⁶ que foram localizados, respectivamente, na Biblioteca Nacional, na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universi-

4 Termo cunhado por Foucault (2001) e teorizado Chartier (2014).

5 Expressão utilizada por Chartier (1998) para designar as marcas gráficas deixadas no impresso que atravessam a leitura que modificam a relação do leitor com àquela obra.

6 As outras versões do “Compendio de Gymnastica” não foram localizadas, sendo possível apurar sua existência por documentos constantes na própria publicação, como da publicação de 1899 que em capa apresenta uma marcação de 1896 e em documentações externas, como aconteceu com a edição de 1921, em que existe no acervo bibliográfico do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (instituição que abrigava a Escola Normal da Côrte) uma ficha catalográfica desse livro.

dade de São Paulo e no Centro de Memória da Educação Física do Esporte e Lazer da Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais; o "Manual de Gymnastica Hygienica" (1902) e o dicionário Velho Sobrinho (1937) que se encontram no acervo da Biblioteca Nacional; documentos administrativos da Escola Normal da Côrte e do Colégio Pedro II, pertencentes ao acervo do Arquivo Nacional; jornais e revistas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O "Compendio de Gymnastica Escolar", foi escrito por Arthur Higgins e publicado na *Typografia Jornal do Commercio*. A primeira publicação foi feita em 1896 e foi sucedida por uma reimpressão dessa edição em 1899, uma segunda edição em 1909, que em 1921 é reimpressa, e a terceira edição de 1934.

Título	Ano	Edição/reimpressão
<i>Compendio de Gymnastica e Jogos Escolares - Gymnastica Primaria</i>	1896	1ª Edição
<i>Compendio de Gymnastica e Jogos Escolares - Gymnastica Primaria</i>	1899	1ª Edição/reimpressão
<i>Compendio de Gymnastica Escolar - methodo sueco-belga</i>	1909	2ª Edição
<i>Compendio de Gymnastica Escolar- methodo sueco-belga</i>	1921	2ª Edição/reimpressão
<i>Compendio de Gymnastica Escolar- methodo sueco-belga-brasileiro</i>	1934	3ª Edição

Quadro 1 – Edições e reimpressões do *Compendio de Gymnastica Escolar*.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Mesmo possuindo títulos diferentes, foi possível perceber entre as publicações características que se assemelhavam e davam a ver uma sequência de produção com modificações, denotando que eram, portanto, edições de um mesmo livro. Ademais, a narrativa do autor e as marcas tipográficas expõem isso: ao Compendio de 1934, por exemplo, cunha-se, na capa que é a 3ª edição que foi "modificada e ampliada".

Arthur Higgins, o autor do Compêndio, também foi autor do “Manual de Gymnastica Hygienica”, publicado em 1902, também pela *Typografia Jornal do Commercio*. Avelar (2018) e Avelar e Moreno (2020) chamam a atenção para o duplo papel desse sujeito na produção desses livros, como um autor/editor dessa obra. As autoras fazem tal assertiva ao compreenderem que a *Typografia Jornal do Commercio* deixava a cargo dos próprios autores as estratégias de organização de conteúdo, ficando apenas com a incumbência de imprimi-lo. É importante observar que, mesmo não participando efetivamente da editoração, as condições de equipamentos e técnicas da *Typografia* possibilitaram ou limitaram a ação do autor/editor.

Sobre os leitores visados, segundo Galvão e Jinzenji (2011), pode-se percebê-los a partir de três caminhos: a nomeação explícita do leitor, as temáticas abordadas no livro e as estratégias discursivas para instituir o leitor. Foi possível perceber qual o leitor visado a partir da nomeação explícita do leitor.

Era meu dever escrever e publicar um compendio para servir de guia **aos meus discipulos da Escola Normal**; bem ou mal cumpro esse dever; restarme-há essa consolação se não for bem aceito este imperfeito trabalho (HIGGINS, 1899, grifo nosso).

Higgins era professor na Escola Normal da Côrte e deixa claro, no Prefácio das edições do Compêndio, qual a sua destinação. Na terceira edição, o nome da instituição ainda recebe um sinal de aspas, indicando se tratar de uma Escola Normal específica, aquela em que ele trabalhava. Essa mesma constatação sobre o Compêndio de 1934 é percebida por Avelar, Fernandes e Moreno (2017).

O contexto da produção gráfica

Compreender aspectos da produção gráfica na produção de livros, manuais didáticos e manuais de ginástica é um importante elo para se entender a produção do “Compendio de Gymnastica Escolar”.

O processo de construção de instalações gráficas no Brasil foi embargado por várias ações do governo imperial. Por isso, até certo tempo, todo livro brasileiro passava por uma impressora ou tipografia europeia. Ao longo de todo século XVIII e início do século XIX, iniciativas resistentes tentavam instalar no país casas literárias, impressas e editoras, algo que só foi possível em 1808, com a chegada do príncipe regente D. João VI e a instalação da Imprensa Régia (HALLEWELL, 2005; BRAGANÇA; ABREU, 2010). Até 1822, a Imprensa Régia, que funcionava como uma editora, deteve o monopólio de impressão no Município da Côrte, o que em muito colaborou com as censuras imperiais sobre o que se imprimia no país (BRAGANÇA; ABREU, 2010).

Nesse interim, muitos materiais gráficos foram trazidos para o país em função da criação de liceus e academias nas capitais de Província e do Império (BITTENCOURT, 2016). Assim, os manuais didáticos chegam ao solo brasileiro. Segundo Munakata (2016), os livros didáticos são o próprio indício da cultura escolar, sendo que, no Brasil, como afirma Bittencourt (2016), o impresso didático impunha o que seria ensinado. Currículo e manuais didáticos possuíam íntima relação, sendo que, em muitos momentos, o livro era o que se ensinava nas escolas.

Destaca-se, a partir desse momento, a íntima relação de produção gráfica existente entre Portugal e França e a transposição dessa relação ao Brasil Colonial. A partir da década de 1860, amplia-se o número de tipografias no país, principalmente, nas cidades do Rio de Janeiro e Recife e no estado do Rio Grande do Sul, em um momento que foi identificado como o de nacionalização dos livros, incluindo os manuais didáticos (HALLEWELL, 2005; BITTENCOURT, 2016).

Nesse mesmo período, a escola se popularizou e houve uma necessidade crescente de formação de professores, pois, ainda que auto-didatas, necessitavam de livros para seus estudos e balizamento de seus currículos. O momento profícuo de produção livresca também se deve à profusão de professores/autores, que, por questões diversas, principalmente econômicas, levavam seus livros para serem impressos na Europa (BITTENCOURT, 2016).

Mesmo sendo de autoria dos professores brasileiros, os manuais ainda carregavam marcas e fazeres europeus. Esse fato vai sofrer uma grande alteração na década de 1880, quando se começou a imprimir livros pedagógicos em solo brasileiro com características mais nacionais, como afirmam Moniz (2009) e Bittencourt (2016), processo este que conta com o livreiro e editor português naturalizado brasileiro, Francisco Alves (1848-1917).⁷

No caso dos manuais de ginástica, podemos verificar a mesma movimentação. São comuns as traduções de manuais ou a escrita de professores brasileiros. Marinho (197-), apresenta uma listagem com um número significativo de produções e, segundo o autor, o “Novo Guia para o Ensino da Ginástica nas escolas públicas da Prússia (1870) foi o primeiro livro do gênero a chegar ao solo brasileiro. Outros livros são publicados na Bahia – “Gymnastica Escolar” de Maria C. Gomes Ferro (1901) – e no Rio de Janeiro – “Manual de Gymanstica Escolar de M. Caldas e. de Carvalho (1896), assim como o “Compendio de Gymnastica Escolar” de Arthur Higgins.

O ano de 1896 é destacado por Marinho (1954), ao dizer,

Dois manuais de ginástica aparecem nesse ano de 1896. Arthur Higgins, professor em vários estabelecimentos oficiais de ensino, publica o primeiro livro do “Compêndio de Ginástica e Jogos Escolares”, anunciando que a obra seria completada com mais dois. M.Caldas e E.Carvalho, publicam um “Manual de Ginástica Escolar”, cujo assunto foi dividido em duas partes: primeira – ginástica sem aparelhos (compreendendo cinco capítulos); segunda – Ginástica com aparelhos (reunindo também cinco capítulos). O método que os autores preconizam é o sueco- alemão. Ao contrario do livro de Higgins que apresenta apenas 21 paginas de texto, este é um trabalho volumoso, de 250 páginas. O método de Higgins, conforme mais tarde ele confirma, foi denominado “sueco-belga-brasileiro” (sic) (MARINHO, 1954).

O “Compendio de Gymnastica Escolar” de Higgins foi publicado pela *Typografia Jornal do Commercio*, ou seja, é livro de autor brasileiro e que se beneficiou de uma cultura gráfica brasileira. Sobre esse local

⁷ Para saber mais sobre Francisco Alves, ler Moniz (2009).

de impressão, Hallewell (2005) afirma ser, à época, a principal tipografia brasileira, por conta de seus novos equipamentos e de seu capital aberto, proposto por seu presidente José Carlos Rodrigues (1844-1922).

O manual de Higgins segue a tendência de publicação de outros impressos de ginástica no Brasil, por meio de tipografia,⁸ ainda que, segundo Hallewell (2005), o mercado editorial brasileiro estivesse em expansão nesse período. Por que manuais de ginástica não eram comumente publicados pelas editoras brasileiras? Avelar (2018) aventa duas hipóteses: uma vê relação com a rentabilidade baixa dos livros e outra com o desinteresse dos autores em dividir com as editoras parte dos valores da venda dos livros.

Com relação a Arthur Higgins e a publicação de manuais de ginástica, ele aparece como o autor que mais publicou livros do gênero entre o final do século XIX e início do XX, entre esses, as três edições do "Compendio de Gymnastica Escolar" e suas duas reimpressões e a edição do "Manual de Gymnastica Hygienica". Segundo Avelar (2018), essa longevidade de produção editorial de Higgins indicam também sua notoriedade como professor de ginástica do período.

O autor e a produção do "Compendio de Gymnastica Escolar"

Como alerta Darnton (1990), a escrita sobre autores deve complexificar uma biografia com fatos encadeados. Com essa visão, foi possível olhar para história de Higgins e situá-lo não apenas como um autor de livros de ginástica que era professor ou como um professor de ginástica que era também um autor de manuais, ideia também compartilhada por Souza (2011). Sendo assim, importa compreender aspectos que perpassam o fazer de escritor de Higgins, entendendo com quais sujeitos e instituições ele tomou contato e quais as intencionalidades ele tinha ao escrever seu Compendio.

Nesse aspecto, apoiada por Gomes (1993), a noção de "redes de sociabilidade" proporcionou construir uma narrativa desse sujeito a partir de seu fazer como professor e como autor. Para Gomes (1993), as redes

8 Para saber mais, ver: Puchta (2015).

de sociabilidades evidenciam os contatos durante a vida das pessoas e, a partir do **tensionamento** de suas relações, possibilitam ver as escolhas e recuos feitos por elas.

Na organização desse capítulo, ressaltamos aspectos da vida familiar, profissional e política de Higgins, os quais emergiram do contato com as fontes. Foi a partir do olhar de suas relações sociais, descobrindo os sujeitos que tiveram contatos pessoais e institucionais com Higgins, que pudemos narrar uma história do autor Arthur Higgins.

Como já dissemos, Higgins foi professor de ginástica, mas sua vida profissional começa antes disso, como jornalista. Com apenas 16 anos, ele começa a escrever para o jornal *O Farol*, como relata Velho Sobrinho (1937). Parece ter herdado a relação com o meio jornalístico de sua mãe, Marcolina Silva Higgins, que foi colaboradora do jornal *O Sexo Feminino*, um impresso do Rio de Janeiro que se dedicava aos interesses da mulher (SOUTO; SILVA, 2012).

O pai de Higgins era o comerciante estadunidense, Arthur Philipe Higgins, que se fixou primeiro em Petrópolis, onde Higgins e seus irmãos nasceram e passaram a primeira infância (VELHO SOBRINHO, 1937). Depois, fez carreira na cidade do Rio, levando toda a família para a cidade, depois de comprar, em 1867, um comércio de molhados que vendia produtos perecíveis (CONTRACTOS..., 1867). Higgins se muda para o Rio com 7 anos, faz os estudos primários junto a seus irmãos, sendo professorado em sua casa, por sua mãe (VELHO SOBRINHO, 1937).

Na atuação como jornalista, Higgins ainda contribuiu com jornais *Orgão do Povo* e *O Cruzeiro*, além de fundar os jornais *O Século*, *A Lente* e *a Lanterna de Diógenes* (VELHO SOBRINHO, 1937). Seu fazer como jornalista parecia estar se consolidando, mas, questões de saúde provenientes de seu fazer como jornalista fizeram com que ele procurasse tratamento por meio da ginástica, por indicação médica. Como ele mesmo relata: "com a saúde estragada pela vida desregrada a que me obrigava o emprego de repórter do jornal << O Cruzeiro >>" (HIGGINS, 1899, p. 3).

A indicação veio do médico João Vicente Torres Homem (1837-1887), que o orientou a procurar a "Escola Normal da Côrte" (HIGGINS, 1899). Na escola Higgins, tem aulas de ginástica com o professor e capitão

do exército Ataliba Manoel Fernandes. Avelar e Moreno (2020) apontam que Higgins não fez o Curso Normal (de formação de professores), mas um curso específico para ministrar a cadeira de ginástica. Ataliba era um professor reconhecido pela Côrte, tendo encabeçado uma comissão que indicou a ginástica nas instituições de ensino masculina, propondo como a ginástica deveria ser ensinada no Império:

O ensino da Gymnastica comprehenderá duas importantes classes; a primeira se denomina = Exercícios de corpo livre, ou sem instrumentos, e a 2ª Movimentos e exercícios dependentes do aparelho e seus acessórios. Em ambas serão applicaveis movimentos de flexibilidades, equilíbrios, de natação, de voltige e militares (sic) (INSTRUÇÃO PÚBLICA, s.d., p. 3).

Foi esse currículo que Higgins encontrou e teve contato na Escola Normal. É possível perceber a influência desse currículo na organização de seu Compendio, como a divisão do ensino da ginástica como àquelas de corpo livre ou com uso de instrumentos, e com relação aos tipos de movimentos de flexibilidade e equilíbrios.

No período em que teve aulas na Escola Normal, Higgins trabalhou como mestre ginasta no Colégio Froebel, no Ensino Primário masculino (ANUNCIOS, 1883). Em 1884, Higgins é aprovado na Escola Normal com **distinção**, nota que, segundo Souza (2011), nunca tinha sido alcançada por nenhum aluno da instituição. Essa aprovação deve ter possibilitado sua contratação no modelar Collegio Pedro II, ainda em 1884, assumindo provisoriamente as aulas de Paulo Vidal ([18--?]-1885), que estava enfermo (EXTERNATO PEDRO II, 1884).

Com o falecimento de Paulo Vidal, Higgins é chamado, em 1885, para ocupar as aulas do professor na Escola Normal da Côrte, onde ficou até se aposentar, em 1918 (CONTRATAÇÃO PELA ESCOLA NORMAL, 1885). A Escola Normal era a instituição responsável por formar professores para o Ensino Primário e Secundário (ACCÁCIO, 2011). Nessa instituição, Higgins teve contato com notórios professores da Côrte, o que conferiu a ele prestígio e, decerto, colaborou com seu destaque como autor de manuais para professores.

Higgins atuou como professor em outras escolas do Rio de Janeiro – Asylo dos meninos desvalidos (1885-1891), Colégio Alípio (1893). A atuação em todos esses estabelecimentos garantiu a experiência de professor que seria impressa nas páginas do “Compendio de Gymnastica Escolar” pela primeira vez em 1896.

Higgins, já reconhecido como um professor de ginástica na Côrte, também foi convidado pelos médicos Aureliano Vieira Werneck Machado (1863-1929) e Luis Carlos de Avelar Andrade para, em 1899, montar um gabinete de ginástica em 1889.

Na noticia de hontem demos da inauguração do estabelecimento de hydro-electrotherapico dirigido pelos Drs. Avellar e Wernec, esqueceu-nos dizer que n'um dos pavimentos do edificio foi estabelecido pelo habil professor Arthur Higgins um gabinete de gymnastica, o primeiro gymnasio publico estabelecido no Rio (sic) (NOTAS..., 1889).

As práticas de Higgins pareciam estar alinhavadas com o discurso médico e científico autorizado. Como afirma Góis Junior (2013), em muitos momentos, a ginástica foi utilizada por médicos como mecanismos profiláticos de doenças na Côrte. A ginástica ensinada por Higgins era, então, proveniente de uma prática racional e científica, algo que era objeto de disputa entre as prescrições da época. Quando publicou seu primeiro livro, Higgins não era apenas reconhecido por ser o professor da Escola Normal, mas, também por sua atuação com a prática racional de ginástica.

A intenção de Higgins, ao publicar seu Compêndio, foi trabalhada também por nós (AVELAR; MORENO, 2020) quando levantamos as hipóteses sobre as possíveis causas que levaram o autor a escrever seu próprio método de ginástica em forma de livro. Chegamos a duas conclusões: a primeira, que fica evidente na leitura do prefácio do Compêndio de 1899, de que Higgins indica a necessidade de algo que norteasse seus alunos na Escola Normal.⁹ A outra hipótese levantada diz respeito às disputas com relação aos métodos ginásticos empreendidas no interior do Colégio Pedro II. Vicente Casali, professor do internato do Colégio, começou, a

⁹ Citação já feita na quarta página deste capítulo.

partir do ano de 1888, a ter divergências com Arthur Higgins. O fato pode ter motivado Higgins em registrar seu método, já que a publicação de um manual poderia configurar ao conteúdo por ele ministrado uma sistematização legitimada e divulgada.

Higgins também foi corretor em uma agência de seguros para funcionários públicos (ANNUNCIOS..., 1891). Entre 1910 e 1920, Higgins dividia seu tempo entre o ensino da ginástica e a invenção de equipamentos para o cotidiano de vida das pessoas e instrumentos que serviriam a segurança da sociedade (AVELAR, 2018). Essas invenções, segundo a autora, demonstram o patriotismo e a preocupação com a sanidade e segurança na capital federal.

Higgins esteve em contato com médicos, militares, engenheiros, jornalistas, educadores etc. Isso criou um profícuo espaço de trocas e de criações, que também propiciou que ele ganhasse notoriedade enquanto professor de ginástica e se tornasse quem mais publicou manuais de ginástica entre 1890 e 1930, no Brasil.

A publicação do “Compendio de Gymnastica Escolar”

O “Compendio de Gymnastica Escolar”, depois de impresso na *Typografia Jornal do Commercio*, foi vendido pela Livraria Francisco Alves, uma das principais livrarias brasileiras, segundo Hallewell (2005). Assim, o livro era descrito em anúncios de jornais:

Compendio de Gymnastica Escolar de Arthur Higgins
Ex-alumno da antiga Escola Normal da Corte, aprovado com
distincção em janeiro de 1884.

Professor dessa Escola Normal do Districto Federal, desde
março de 1885.

Único Professor do Externato do Collegio Pedro II desde
setembro de 1884.

O seu compendio é o único aprovado oficialmente.

Approvado unanimamente, em primeira edição, pelo Conselho
Superior de Instrucção, em sessão de 28 de janeiro de 1902.

Approved in 1912, second edition, by a commission of the Directorate of Municipal Instruction that lavished the opinion and more eulogistic.

Approved in May of 1913 by a commission of professors of the Normal School that judged the author meritorious of a prize.

Adopted by the General Directorate of Municipal Instruction in September of 1914.

Sold at Francisco Alves

Rua do Ouvidor 154 (sic) (ANNUNCIO, 1918, p. 2).

No anúncio, o autor é apresentado, sendo ressaltadas sua formação, sua atuação na Escola Normal e no Externato do Colégio Pedro II. As aprovações que o “Compendio de Gymnastica Escolar” teve, bem como os elogios a cada aprovação, são listados. Em uma delas, inclusive, o autor é recomendado como merecedor de prêmios. O Compêndio já se consolidava como um material de suporte para as aulas de ginástica, o que pode ser visto pela adoção feita pela Directorate Geral de Instrução Municipal do Rio de Janeiro.

Entre o momento de escrita e impressão, aprovação, adoção e venda, o manual passou por processos de editoração, que se modificaram entre uma edição e outra. A começar pelas capas, conforme imagens a seguir:

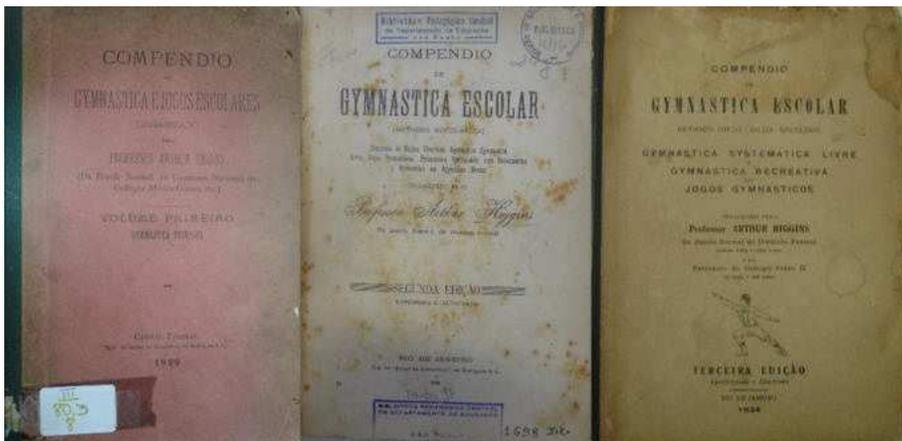


Figura 1 – Capas do “Compendio de Gymnastica Escolar”.

Fonte: Higgins (1899, 1909, 1934).

A mudança mais aparente está na adição de elementos, como a imagem na terceira edição e a mudanças de tipos. Mas também é possível perceber como a palavra “Compendio” foi diminuindo entre as edições e, em contrapartida, verifica-se que o termo “Gymnastica Escolar” passa a ter mais destaque. O modo como um texto é apresentado em seu impresso modifica a forma de ler ou, nesse caso, de atrair seu leitor, como nos mostrou Chartier (2002) e Darnton (1990).

Por ser uma publicação longeva, é possível notar diferenças no estilo gráfico entre as edições. Na edição de 1899, percebe-se clichês discretos ao separar uma informação e outra. Na edição de 1909, nota-se a letra cursiva ao ressaltar o nome de Arthur Higgins. Na edição de 1934, expõe-se os conteúdos ressaltando-os em caixa alta negritadas. A forma em que cada capa é apresentada nos faz ver sobre os recursos gráficos disponíveis em cada tempo de publicação, bem como ao estilo que procurava atrair mais os leitores visados.

Em todas as edições, é interessante notar que Arthur Higgins não se coloca como **autor** desse livro, deixando a insígnia de **organizado por** em todas as edições. Nos prefácios dos manuais, explica:

No frontespicio deste livro empreguei a palavra organizado por ter receio de passar por plagiário, ainda que de lavra própria seja o contexto, salvo citações de autores de nota. Fiz inovações que concorrem muito para facilitar o aprendizado e o ensino, e também para o embelezamento da arte. Assim é que, systematizei os commandos; o que facilita muito o trabalho dos discipulos-mestres; a terminologia é quase toda arranjada por mim, as mais das vezes sem sahir da língua vernácula e algumas empregando palavras latinas de facillima comprehensão. As definições e divisões da gymnastica e dos exercicios foram concebidas por este **neophyto**: inventei alguns exercicios combinados, imitativos e estheticos e modifiquei alguns jogos gymnasticos **adaptando-os ao nosso meio** (sic) (HIGGINS, 1899, p. 5, 6, grifo do autor).

O estreante Higgins, intitulado-se **neophyto**, demonstra-se preocupado com as condições de autoria, já que faz adaptações de outros autores em sua obra. A despeito disso, segundo o próprio, a maioria dos

exercícios são inventados por ele mesmo. A atuação de Higgins como professor parece ter orientado a escrita de seu manual. Mesmo utilizando-se de exercícios ginásticos já descritos por outros autores, a organização e adaptação vieram de sua prática nas escolas, em suas palavras, "adaptando-os ao nosso meio".

Outras diferenças podem ser notadas entre as edições. Algumas são relativas à forma de apresentação, outras concernentes ao conteúdo. A abertura do manual (depois dos elementos **paratextuais**) não é modificada entre as edições: é uma coletânea de pequenos textos dando significados e explicações para termos que se relacionam com o ensino da ginástica – "educação", "educação physica", "gymnastica", "importancia da gymnastica", "exercícios gymnasticos", "opportunidade para a pratica dos exercicios", "duração das lições", "comandos", "divisão superficial do corpo humano", "terminologia dos movimentos articulares", "observações methodologicas e higienicas". Poucas alterações são observadas entre uma edição e outra, sendo que nas edições de 1909 e 1934, os temas "opportunidade para a pratica dos exercicios e duração das lições" são adicionados ao texto do tema "exercícios gymnasticos". Nessas edições, os temas "methodologia" e "preceitos higienicos" se tornam dois textos separados. Essas mudanças parecem advir de uma leitura posterior à publicação, que fizeram com que se atentasse para a possibilidade de junção, no primeiro caso, e, no segundo caso, para a reelaboração de novos textos com maiores informações que permitiriam a divisão das temáticas.

O conteúdo dos textos muda substancialmente pouco, sofrendo a adição de citações em alguns casos. O que aparece como uma grande modificação é que, nas edições de 1909 e 1934, o título dessa parte se torna "Noções theoricas indispensáveis aos profissionais", enquanto que, na edição de 1899, era intitulado "Algumas noções theoricas". A presença da palavra "indispensáveis" confere maior importância a esse componente do manual.

Outra modificação que acontece nas edições de 1909 e 1934 diz respeito ao tema "Commandos", que, na edição anterior, posicionava-se entre outros temas, nessas edições ficou disposto como último texto. Essa acomodação pode ter sido necessária para que esse texto ficasse de fácil

localização, uma vez que o livro seria utilizado durante as aulas práticas, era interessante facilitar o acesso às informações sobre a execução dos exercícios. Os “commandos” são, para Higgins, a forma que o professor se comunica com seu aluno, a fim de dar início, prosseguimento ou interrupção para as atividades. No texto, o autor vai listar as palavras que podem ser utilizadas pelos mestres:

As sete palavras que adoptamos para commandos executivos são: Já – Começar – Cessar – Passe – Preparar – Marcha – e Alto.

JÁ, emprega-se para ordenar a execução de movimentos que não tenham de ser repetidos seguidamente. Exemplo – Um passo para adiante – Já.

Começar – usa-se para a execução de movimentos que tenham de ser repetidos seguidamente: Exp. Flexões dos dedos - começar.

Cessar – serve para fazer terminar todos os exercicios menos os de mudança de lugar.

Passe – emprega-se quando o exercicio tenha de ser executando de mais de um dos tres modos, alternada, simultaneamente e em opposição, para mudar-se de um modo para outro. Exemplo: Destensoões frontaes dos braços – começar – passe – passe – passe – cessar. Com o commando começar, principia-se a executar o exercicio movendo o braço alternadamente; com o commando passe, passa-se a executar os movimentos em opposição, isto é, quando um braço fizer um movimento o outro fará o movimento opposto.

Preparar – applica se quando os discipulos tenham de tomar posição execução do exercicio indicado pelo commando preventivo. Exp. Meia volta- preparar- Já.

Marche – serve para ordenar os movimentos de mudança de logar, Menos para um passo. Exp. Passos para adiante – marche. Dobrar fileira – marche.

Alto – emprega-se para mandar cessar os movimentos de mudança de logar. Exp. Passos para a direita – marche – alto (sic) (HIGGINS, 1899, p. 13, 14).

Em todas as edições, as palavras que devem ser ditas a cada “comando” aparecem em negrito, a listagem está recuada do texto. O leitor, ao avistar a página, consegue ver com facilidade cada uma das palavras ressaltadas.

As edições de 1909 e 1934, a exemplo do que acontece na parte das noções teóricas, pouco se modificam entre uma e outra, sendo a grande diferença a inclusão de elementos paratextuais. Na edição de 1934, agrega-se pareceres e opiniões da imprensa sobre o Compêndio. A edição de 1934, é tratada por Avelar (2018) como um legado póstumo de Higgins – a presença desses elementos que elogiam os esforços do autor e a profusão de sua obra são elementos constitutivos dessa assertiva.

Da << Chronicas Litteraria >> da Tribuna de 15 de Outubro de 1902, escripta pelo eminente jornalista José Medeiros e Albuquerque, extrahimos os trechos seguintes:

O professor Arthur Higgins não é um mestre de gymnastica como os do velho systema.

É um educador physico que sabe maravilhosamente bem a sua arte.

Um dos autores francezes que melhor tem estudado o assumpto o Dr. Philippe Tissie, escrevia ha um mez, em uma revista scientifica: "[...] O thema principal em educação physica é o desenvolvimento da função respiratória, pela gymnastica de flexibilidade e da função physica, pelos jogos e exercicios ao ar livre.

O musculo não passa de um servo humilimo dos pulmões e do cérebro. Por isso, embora seja quem forneça a acção só nos devemos occupar com ele em terceiro logar".

Para o professor Higgins essas conclusões nada têm de novo, porque de há muito tempo elle é, pela palavra, pela pena e pelo exemplo, um incansável divulgador das vantagens tanto da gymnastica de adextramento, como de jogos ao ar livre, em que, como todos sabem a par dos músculos, fortifica-se não só a atenção como estas grandes qualidades Moraes, indispensáveis na vida: a vontade e a iniciativa.

Seu livro, de que apenas agora está publicado o primeiro fasciculo, será de certo obra digna do mestre excelente, que elle é [...] (sic) (HIGGINS, 1934, p. 7).

Ao longo de cinco páginas do Compêndio de 1934, os comentários da imprensa e dos pareceres recebidos associam Higgins a um professor competente e atualizado com as questões de seu tempo.

No que diz respeito ao conteúdo das práticas ginástica, Higgins prefere apresentar lições, que são sequências de atividades que devem

ser seguidas, a fim de garantir que os alunos iniciem seus estudos nos exercícios mais simples, de fácil execução, até que possam chegar a exercícios mais complexos. As lições são divididas em aquelas que devem ser aplicadas a alunos de 7 a 10 anos do Ensino Elementar, para alunos maiores de 10 anos do Curso Médio, e para maiores de 12 anos do Curso Elementar. Esperava-se que, para a execução do Curso Elementar, o aluno já deveria ter passado pelas lições do Curso Médio.

A complexificação dos conteúdos é algo visto tanto nos exercícios de "gymnastica de systematica livre" quanto nos "exercicios recreativos". Essas são as duas apostas de Higgins para os conteúdos das aulas de "gymnastica". Os exercícios de "systematica livre" eram aqueles em que a execução dos movimentos passava por "commandos" e que imitavam um padrão de movimento e os recreativos compostos por "jogos gymnasticos". Esse último tipo de exercício, ao serem adaptados os jogos prussianos à realidade brasileira, ou na própria confecção de atividades recreativas, foi a grande "invenção" de Higgins, à época. Os nomes dos jogos, adaptados à realidade brasileira da época, são exemplares disso: "o besouro", "a cabra cega", "a raposa", "casinha para alugar", "os pescadores" [...].

Quanto aos "exercicios de systematica livre", podemos verificar significativas modificações entre as edições de 1899 e as duas últimas. As alterações dizem mais respeito a forma como esses exercícios foram descritos, sendo poucos os inseridos ou reorganizados. Um exemplo é a localização da descrição do exercício de rotação dos braços, que na edição de 1899 é o nono exercício fundamental a ser descrito e o quinto, nas edições de 1909 e 1934.

1899	1909 e 1934
<p>9 – Rotações dos braços</p> <p>Dous tempos.</p> <p>UM – Volta-se, pela frente, as unhas para os lados, fazendo-se os braços girar sobre si mesmos.</p> <p>DOUS – Fazendo-se os braços girar em sentido inverso, (da frente para trás) volta-se as unhas também para os lados.</p>	<p>5 – Rotações dos braços</p> <p>Posição B1</p> <p>Execução em dous tempos.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mantendo-se os braços bem distendidos para baixo e fazendo-os girar sobre si mesmos, voltam-se as unhas pela frente para os lados, dilatando-se o peito. 2. Fazendo-se o braço girarem em sentido inverso, voltam-se as unhas para trás. Com o commando cessar retoma-se a posição prima. Modo – Simultaneo. <p>Commandos:</p> <p>Atenção. Posição B1... já</p> <p>Atenção. Rotação dos braços 4 (8,12,16) vezes, começar 1,2,1,2,1 cessar.</p>

Quadro 2 – Descrição dos exercícios.

Fonte: Higgins (1899, 1909, 1934).

Em todas as edições, a descrição dos exercícios é feita detalhadamente, preocupando-se com todas as partes do corpo participantes do exercício. Era comum verificar a posição da cabeça ou do peito, o posicionamento do braço e das mãos. Outra questão se relaciona ao tempo de execução dos exercícios, a rotação de braço, por exemplo, deveria ser realizada em dois tempos, ou seja, entre um movimento e outro existe uma pequena pausa, nesse caso, entre a rotação do braço e seu **sentido inverso**. Esses tempos, segundo Higgins, deveriam ser contados pelos professores (1, 2, 1, 2, 1, 2...)

Ao final das descrições em 1909 e 1934, o autor opta por colocar os "commandos" e a quantidade de repetições. Para ser completo, os alunos deveriam rotacionar os braços por quatro vezes, sendo que esse exercício poderia ser repetido de duas a quatro vezes. Outra inovação é o código criado por Higgins, na descrição das posições iniciais. Na rotação de braços, vemos que a posição inicial é a B1, em que a letra indica a posição dos braços e o número a forma com que os membros inferiores deveriam estar.

Vejamos primeiramente as posições dos braços que serão designados por letras.

Posição A Os braços distendidos ao longo do corpo para baixo, as mãos bem abertas, dedos unidos e as palmas das mãos voltadas para o corpo.

Posição B Os braços distendidos ao longo do corpo, para baixo, como está dito acima, mãos fechadas com os dedos voltados para o corpo.

[...]

Vejamos agora as posições dos pés que serão designadas por números.

Posição 1 Os calcanhares unidos, as pontas dos pés naturalmente apartados, como na posição fundamental.

[...]

(sic) (HIGGINS, 1909, p. 57-59).

O nível de esclarecimento sobre cada exercício se tornou ainda maior após a criação desse código. Esse modo de detalhar a atividade alterou a forma de interpretação dos leitores, que agora deveriam seguir exatamente o que estava descrito nos "commandos" das atividades. Esse modo de descrição dos exercícios é fruto do trabalho de um autor preocupado com os pormenores da prática da ginástica, que se ocupou em criar novas formas de ensinar a partir do impresso.

Conclusão

A produção do "Compendio de Gymnastica Escolar" de Arthur Higgins é carregada do fazer desse sujeito como professor, mas, também, de seu contato com as instituições e pessoas de diversos ramos da sociedade. Foi uma publicação que percorreu 38 anos, entre edições e reimpressões, recebeu adaptações, novos conteúdos e se afetou pelas mudanças nas técnicas de tipografia e estilos gráficos.

A produção do Compêndio reserva íntima relação com a prática do professor de ginástica, fato observado com as modificações na descrição dos exercícios e na adição de atividades, nas 2ª e 3ª edições do manual. Como Higgins esteve em contato com seus leitores visados, na Escola

Normal, temos a hipótese de que essas mudanças foram sugeridas e até testadas durante as aulas de Higgins na Escola.

O estudo sobre o "Compendio de Gymnastica Escolar" nos ajuda a perceber aspectos da produção desse impresso na história, interrogando sobre as características de manuais de ginástica. Seu estudo pode também ajudar a compreender outros aspectos da história da ginástica ou dos manuais didáticos.

Referências

ACCÁCIO, Liete Oliveira. A Escola Normal, o Instituto de Educação e a Universidade. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, v. 17, p. 298-320, 2011.

AVELAR, Ana Cláudia; FERNANDES, Gyna de Ávila; MORENO, Andrea. Olhares sobre um impresso: o leitor visado no Compendio de Gymnastica Escolar – methodo sueco-belga-brasileiro de Arthur Higgins. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE LETRAMENTO E CULTURA ESCRITA*, 9., 2017, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

AVELAR, Ana Cláudia; MORENO, Andrea. Escrevendo a ginástica: Arthur Higgins e a autoria de manuais de ginástica (1896-1934). **Conexões**, Campinas, v. 18, e020042, p. 1-18, 2020.

AVELAR, Ana Cláudia. **Uma ginástica que também se lê**: a produção do Compendio de Gymnastica Escolar de Arthur Higgins (1896-1934). 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. Apresentação. *In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.)* **Impresso no Brasil**: dois séculos de livro no Brasil. São Paulo: Unesp, 2010.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. História dos livros escolares no Brasil: produção e circulação. *In: CASTELLANOS, Samuel Luiz; CASTRO, Cesar Augusto (orgs.)*. **Livro, leitura e leitor**: perspectiva histórica. São Luiz: Café&Lápis; Edufma, 2016.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador (conversações com Jean Lebrun). São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: UFSCar, 2014.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo. Ed. Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. *In: CHARTIER, Roger*. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1989. p. 121-139.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estudo da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ECO, Umberto. El lector modelo. *In*: ECO, Umberto. **Lector in fabula**: la cooperacion interpretativa em el texto narrativo. 3. ed. Espanha: Lumen S/A, 1993. p. 73-95.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3, p. 264-298.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; JINZENJI, Mônica Yumi. A quem se destinava o Boletim Vida Escolar? *In*: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira (orgs.). **Boletim Vida Escolar**: uma fonte múltiplas leituras sobre a educação no início do século XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil e sua história**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

MONIZ, Edmundo. **Francisco Alves**: livreiro e autor. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

PUCHTA, Diogo. **A escolarização dos exercícios físicos e os manuais de ginástica no processo de constituição da Educação Física como disciplina escolar (1882-1926)**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2015.

SOUTO, Bárbara Figueiredo; SILVA, Roger Aníbal Lambert. Representações e combates discursivos: práticas da imprensa nas décadas finais do século XIX. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, p. 1-25, 2012.

SOUZA, Fabiana Fátima Dias. **O professor da moda**: Arthur Higgins e a Educação Física no Brasil (1885-1934). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

Fontes

ANNUNCIO. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 2, 15 ago. 1918. [Biblioteca Nacional – Hemeroteca].

ANNUNCIOS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, p. 4, 2 out. 1883. [Biblioteca Nacional – Hemeroteca].

ANNUNCIOS. **Pharol**, Rio de Janeiro, p. 4, 4 jun. 1891. [Biblioteca Nacional – Hemeroteca].

CONTRACTOS commerciaes. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, p. 2, 10 dez. 1867. [Biblioteca Nacional – Hemeroteca].

CONTRATAÇÃO PELA ESCOLA NORMAL, 1885 [Arquivo Nacional (Série: Educação. Fundo: 93. Notação: IE5 31)].

EXTERNATO PEDRO II. Folha de vencimentos do Externato Pedro II, 1884. [Arquivo Nacional (Série: Educação. Fundo: 94. Notação: IE4 480)].

HIGGINS, Arthur. **Compendio de Gymnastica e Jogos Escolares**. Capital Federal: Typografia Jornal do Commercio, 1899. [Biblioteca Nacional – Obras Raras].

HIGGINS, Arthur. **Compendio de Gymnastica Escolar**: methodo sueco-belga. Capital Federal: Typografica Jornal do Commercio, 1909. [Biblioteca Macedo Soares/Feusp].

HIGGINS, Arthur. **Compendio de Gymnastica Escolar**: methodo sueco-belga-brasileiro. Districto Federal: Typografia Jornal do Commercio, 1934. [Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer/EEFFTO/UFGM].

INSTRUÇÃO PÚBLICA. Ensino da Gymnastica, Côte, p. 3, s.d. [Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (Código 11. 4. 14)].

MARINHO, Inezil Penna. Os desportos conquistam a escola. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 9, 7 fev. 1954. [Biblioteca Nacional – Hemeroteca].

MARINHO, Inezil Penna. História da Educação Física no Brasil – exposição/bibliografia/legislação. Brasília: Brasil Editora, 197- [Centro de Memória do Esporte ESEFid/UFRGS].

NOTAS. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 1, 22 nov. 1889. [Biblioteca Nacional – Hemeroteca].

VELHO SOBRINHO, J. F. **Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Irmãos Pongetti, 1937. v. 1. [Biblioteca Nacional – Obras gerais].